

RESPOSTA ÀS REFLEXÕES CONTIDAS NA SEGUNDA EDIÇÃO DO DICIONÁRIO CRÍTICO DO SR. BAYLE, ARTIGO RORARIUS, SOBRE O SISTEMA DA HARMONIA PREESTABELECIDADA.¹

Tradução: Caetano Torelli

[554] Eu inseri no *Journal de Savans* de Paris (Junho e Julho de 1695) alguns ensaios sobre um sistema novo, que me parecia adequado para explicar a união da alma e do corpo, e no qual, em vez de empregar a via da influência dos escolásticos e da assistência dos cartesianos, recorri à via da *Harmonia preestabelecida*. O Sr. Bayle, que dá às meditações mais abstratas o crédito que elas necessitam para atrair a atenção do Leitor, e que, ao mesmo tempo, aprofunda essas meditações, esclarecendo-as, quis se dar ao trabalho de enriquecer esse meu Sistema com as suas reflexões, inseridas em seu Dicionário, artigo Rorarius. Mas como, ao mesmo tempo, ele relata algumas dificuldades que julga terem necessidade de esclarecimentos, tentei satisfazê-lo no *Histoire des ouvrages de Savans*, Julho de 1698. O Sr. Bayle as replicou [555] na segunda edição de seu Dicionário, no mesmo artigo Rorarius, pág. 2610, nota. L. Ele teve a honestidade de dizer que minhas respostas desenvolveram melhor o assunto, e que se a possibilidade da Hipótese da Harmonia preestabelecida fosse comprovada, ele não teria dificuldade de preferi-la à Hipótese cartesiana, porque a primeira oferece uma alta ideia do Autor das coisas e afasta-se (no curso ordinário da natureza) de toda noção de conduto milagroso. Contudo, ainda parece difícil ao Sr. Bayle conceber a possibilidade do meu sistema da Harmonia preestabelecida, já que, para mostrar essa dificuldade, ele começa por algo mais fácil, do seu ponto de vista, do que tal sistema, e que, contudo, considera pouco factível: ele compara a minha Hipótese com a suposição de uma embarcação que, sem ser dirigida por ninguém, vai por si mesma em direção ao porto desejado. Sobre isso, ele diz que concordaríamos que a infinidade de Deus não é grande o suficiente para comunicar a uma embarcação uma tal faculdade: Bayle não se pronuncia, absolutamente, sobre a impossibilidade da coisa, ele julga, no entanto, que outros assim o fariam, pois, ele

¹ Tradução livre de “Response aux reflexions contenues dans la seconde Edition du Dictionnaire Critique de M. Bayle, article Rorarius, sur le systeme de l’Harmonie préétablie.” in GERHARDT, C. F. (Org.). *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1880. V. 4, pp. 554 - 571. As coletâneas de Gerhardt estão disponíveis em: <https://www.mv.helsinki.fi/home/mroinila/texts.htm>. Acessado em: 13/04/2021. As paginações do original estão entre colchetes e as notas de Gerhardt são grafadas como “(N. do E)”.

acrescenta, “diriam que a natureza da embarcação não é capaz de receber esta faculdade de Deus.”. Talvez ele tenha julgado que, segundo a Hipótese em questão, seria preciso conceber que Deus deu à embarcação, para o efeito imaginado, uma faculdade à maneira dos Escolásticos, como aquela que se dá, na Escolástica, aos corpos pesados e que é responsável por levá-los em direção a um centro. Se é assim que Bayle entende tal suposição, eu sou o primeiro a rejeitá-la; mas se pela faculdade da embarcação ele entende algo explicável pelas regras da Mecânica e pelas molas internas, assim como pelas circunstâncias externas, não vejo como, mesmo assim, Bayle possa continuar a rejeitar essa suposição como impossível, caso ele ainda assim a considere, gostaria que desse alguma razão deste julgamento. Pois, como farei notar mais a frente, embora não tenha necessidade de recorrer à possibilidade de alguma coisa parecida com esta embarcação, da maneira como o Sr. Bayle a concebe, acredito que, no entanto, considerando bem as coisas, longe de encontrar alguma dificuldade nisso tudo no que diz respeito a Deus, podemos reparar que mesmo um Espírito finito poderia ser hábil o suficiente para resolver esse problema. Não há dúvida de que um homem poderia fazer uma máquina capaz de caminhar por uma cidade durante algum tempo e de fazê-la virar justamente nas esquinas de certas ruas. Um espírito incomparavelmente mais perfeito, embora limitado, poderia também prever e evitar um número incomparavelmente maior de obstáculos. Isso é tão verdadeiro que se esse mundo fosse, de acordo com a Hipótese de alguns, [556] composto de um número finito de Átomos, que se movem segundo as leis da mecânica, seria certo dizer que um espírito finito poderia ser suficientemente ativo para compreender e prever demonstrativamente tudo aquilo que poderia aí acontecer em um tempo determinado, de tal modo que este Espírito poderia não somente fabricar uma embarcação capaz de ir totalmente sozinha em direção a um porto denominado, dando-lhe de saída o circuito, a direção e as molas necessárias; mas este Espírito poderia, ainda, formar um corpo capaz de forjar o corpo de um homem, pois a diferença é somente entre o mais e o menos, o que não muda nada no país das possibilidades: de qualquer grandeza que seja a multidão de funções de uma máquina, a potência e o artífice do obreiro podem crescer na mesma proporção, de tal modo que não ver essa possibilidade, seria o mesmo que não considerar suficientemente os graus das coisas. É verdade que o mundo não é composto de um número finito de átomos, mas, ao contrário, como uma máquina, composto, em cada uma de suas partes, por um número verdadeiramente infinito de molas; mas é verdade também que aquele que fez o mundo e o governa é de uma perfeição ainda mais infinita, uma vez que ele vai a uma infinidade de Mundos possíveis, encontrados no seu entendimento e a

partir de onde ele escolheu aquele que mais o agradou. Contudo, para retornar aos espíritos limitados, podemos julgar, por pequenas amostras que se encontram por vezes entre nós, para onde podem ir aqueles que nós não conhecemos. Há, por exemplo, homens capazes de fazer, prontamente, grandes cálculos aritméticos de cabeça. O Sr. Balthasar de Monconys fez menção de um tal homem, que vivia na Itália na época. Ainda hoje em dia existe um homem deste tipo, morando na Suécia, que sequer aprendeu Aritmética ordinária e que eu gostaria de não negligenciar a maneira de proceder. E o que é o homem, por mais brilhante que ele possa ser, diante de tantas criaturas possíveis e mesmo existentes? Tais quais os anjos ou gênios, que poderiam nos ultrapassar em todos os tipos de entendimentos e raciocínios, incomparavelmente mais do que esses maravilhosos detentores de uma Aritmética natural, que nos ultrapassam em matéria de números. Eu admito que o vulgo não leva essas questões em consideração: nós o atordoamos com essas objeções, em que é preciso pensar aquilo que não é ordinário, ou mesmo sem exemplo entre nós. Mas quando pensamos na grandeza ou na variedade do Universo, julgamos de outra maneira. Sobre tudo isso, o Sr. Bayle não pode deixar de ver a justeza das consequências. É verdade que minha hipótese não depende em nada dessas considerações, como mostrarei logo; mas se ela dependesse, [557] teríamos o direito de dizer que ela é mais surpreendente do que aquela dos Autômatos (a qual, como farei ver mais à frente, só leva a bons caminhos e àquilo que é sólido). Nada disso seria alarmante, supondo que não haja outro meio de explicar as coisas conforme as leis da natureza. Pois não é preciso se regradar pelas noções populares nessas matérias, em detrimento das consequências certas. Aliás, um Filósofo não deve objetar os autômatos pelo maravilhoso da nossa suposição, mas pelo defeito dos princípios, uma vez que é necessário haver Enteléquias por toda parte. É ter uma pequena ideia do Autor da Natureza (que multiplica, tanto quanto se pode, seus pequenos Mundos ou seus espelhos ativos indivisíveis) supor que as Enteléquias são dadas apenas aos corpos humanos. É mesmo impossível que elas não estejam por toda parte.

Até aqui falamos somente daquilo que pode uma substância limitada, mas naquilo que diz respeito a Deus, tudo ocorre de maneira bem diferente, e aquilo que parecia impossível de saída, não o é em efeito. É preciso dizer mais do que isso, que é mesmo impossível que Deus faça as coisas de outra maneira, sendo, como ele é, infinitamente potente e sábio, e dispondo, tanto quanto possível, tudo em ordem e em harmonia. Mais ainda, que aquilo que parecia muito estranho quando considerado sem relação (*detaché*) com os demais, é uma consequência certa da constituição das coisas, de modo que o

maravilhoso universal faz cessar e absorve, por assim dizer, o maravilhoso particular, já que aquele dá razão deste. Pois tudo é de tal modo regrado e ligado, que essas máquinas da natureza, que nunca falham e que comparamos às embarcações que iriam ao porto por si mesmas, apesar de todos os desvios e de todas as tempestades, não poderiam ser consideradas mais estranhas do que um foguete que corre ao longo de uma corda, ou do que um líquido que flui em um canal. Ademais, os corpos não sendo formados por átomos, mas sendo divisíveis e mesmo divididos ao infinito, tudo sendo pleno, segue-se que a menor parcela do corpo recebe, à parte, alguma impressão da menor mudança de todos os outros corpos, tão distantes e pequenos sejam eles, e deve ser, assim, um espelho exato do universo: desse modo, um espírito, assaz penetrante para verificar isso, poderia, conforme sua de penetração, ver e prever em cada corpúsculo aquilo que se passa e se passará neste corpúsculo, aquilo que se passa e se passará por toda parte, nesse corpúsculo e ao redor. Assim, nada acontece aí, nem mesmo pelo choque dos corpos circundantes, que possa perturbar a ordem e que não siga daquilo que já é interno. [558] Isso é ainda mais manifesto nas substâncias simples, ou nos próprios princípios ativos, que chamo, com Aristóteles, de Enteléquias primitivas, que, segundo penso, nada poderia vir perturbar. Digo isso para responder a uma nota marginal do Sr. Bayle, pág. 2612 nota b., em que ele me objeta que um corpo orgânico, sendo “composto de várias substâncias, cada uma possuindo um princípio de ação realmente distinto do princípio de outra, e a ação de cada princípio sendo espontânea, isso deve fazer com que os efeitos variem ao infinito e com que o choque dos corpos vizinhos faça intervir algum constrangimento na espontaneidade natural de cada corpo.” Mas é preciso considerar que é desde sempre que um corpo já se acomodou a todos os outros e que carrega aquilo que o outro exigirá dele. Assim, só há constrangimento nas substâncias olhando de fora e nas aparências. Isso é tão verdade que o movimento de algum ponto que pudéssemos tomar no mundo se faz segundo uma linha de natureza determinada, linha que esse ponto tomou de uma vez por todas e que nada o fará abandonar. E é isso que creio poder dizer de mais preciso e de mais claro para os homens de espíritos geométricos, embora esses tipos de linhas ultrapassem infinitamente aquelas que um espírito finito pode compreender. É verdade que esta linha seria reta se esse ponto pudesse estar sozinho no mundo, e que atualmente ela decorre, em virtude das leis da mecânica, do concurso de todos os corpos: é, também, justamente por esse concurso que essa linha é preestabelecida. Admito, assim, que a espontaneidade não está propriamente na massa (a menos que se tome todo o universo, ao qual nada pode resistir), pois se esse ponto pudesse começar estando sozinho, ele não

continuará na *linha preestabelecida*, mas na reta tangente. É, portanto, propriamente na Enteléquia (de quem o ponto é o ponto de vista) que a espontaneidade se encontra: e enquanto o ponto só pode retirar de si mesmo a tendência em seguir a reta que toca esta Linha, uma vez que ele não tem memória, nem pressentimento, por assim dizer, a Enteléquia exprime a própria linha preestabelecida, os corpos circundantes não podendo ter influência sobre esta Alma ou Enteléquia, de modo que, neste sentido, aí nada é violento. Embora aquilo que os homens chamam de violento não deixe de ter lugar, já que esta Alma tem percepções confusas e, por consequência, involuntárias. Ora, tudo isso faz ver, enfim, como todas as maravilhas da embarcação que se conduz sem piloto e por si mesmo ao porto, ou as da Máquina que faz, sem inteligência, as funções do homem [559], e tantas outras ficções que possam ainda nos objetar, fazendo parecer que nossas suposições são inacreditáveis quando considerada sem relação com as demais, cessam de encontrar dificuldades. E vemos também como tudo aquilo que achamos estranho se perde inteiramente quando consideramos que as coisas são determinadas ou inclinadas àquilo que elas devem fazer. Tudo aquilo que a ambição, ou ainda outra paixão, faz a alma de César realizar, está igualmente representado no corpo deste homem: todos os movimentos dessas paixões vêm das impressões dos objetos em conjunto com os movimentos internos, e o corpo é feito de tal maneira que a alma só toma resoluções nas quais os movimentos do corpo estão de acordo. Mesmo os pensamentos mais abstratos entram nesse jogo que, por meio dos caracteres, representam os movimentos à imaginação. Em uma palavra, tudo se faz no corpo, no que diz respeito ao detalhe dos fenômenos, como se a má doutrina daqueles que creem que a alma é material, seguindo Epicuro e Hobbes, fosse verdadeira, ou como se o próprio homem só fosse um corpo, ou um Autômato. Esses Materialistas levaram até ao homem aquilo que os Cartesianos concedem a todos os animais, fizeram ver que, em efeito, aquilo que o homem faz com toda a sua razão, no corpo é apenas um jogo de imagens, de paixões e movimentos. Querendo provar o contrário dessa tese, nós nos prostituímos e somente preparamos matéria de triunfo ao erro. Os cartesianos foram muito malsucedidos (mais ou menos como o foi Epicuro com sua declinação de Átomos, da qual Cícero tanto zomba) quando eles quiseram fazer com que a alma, não podendo dar movimento ao corpo, pudesse, no entanto, mudar a direção desse corpo. Mas nem um nem outro deve e pode acontecer, e os materialistas não têm nenhuma necessidade de recorrer a essas suposições, de modo que nada do que aparece do lado de fora do homem é capaz de refutar a doutrina deles, o que basta para estabelecer uma parte da minha Hipótese. Alguns, mostrando a maneira

pela qual os Cartesianos provam que os irracionais (*Bestes*) não passam de Autômatos, vão tão longe a ponto de justificarem aquele que diria que, metafisicamente falando, é possível que todos os outros homens, exceto ele, sejam também simples autômatos, dizendo justa e precisamente aquilo que é necessário para constituir metade da minha hipótese, aquilo que tange ao corpo. Mas, além dos princípios que estabelecem as Mônadas, das quais os compostos são apenas o resultado, a experiência interna refuta a doutrina Epicuriana: é a consciência de que existe em nós esse *Eu (moy)* que se apercebe das coisas que se passam nos [560] corpos, e a percepção, não podendo ser explicada pelas figuras e pelos movimentos, estabelece a outra metade da minha hipótese, nos fazendo reconhecer, em nós mesmo, uma substância indivisível e que deve ser a fonte de seus próprios fenômenos, de tal modo que, seguindo essa segunda metade da minha hipótese, tudo se faz na alma como se não houvesse corpo, da mesma maneira que, seguindo a primeira metade da minha hipótese, tudo se faz no corpo como se não houvesse alma. E a Razão quer que julguemos que os outros homens tenham a mesma vantagem que nós. Além disso, mostrei, frequentemente, que nos próprios corpos, embora o detalhe dos fenômenos tenha razões mecânicas, a última análise das leis da mecânica e a natureza das substâncias nos obrigam, enfim, a recorrer aos princípios ativos indivisíveis. E a ordem admirável, que aí encontramos, nos faz ver que existe um princípio universal, cuja inteligência e também a potência são supremas. É fácil julgar que aqui aparece aquilo que há de bom e sólido na falsa e pérfida doutrina de Epicuro, a saber, de que não temos a necessidade de dizer que a alma muda as tendências que estão no corpo. É fácil de julgar também que não é necessário, igualmente, que a massa material envie pensamentos à alma por meio de não sei quais espécies quiméricas da Escolástica, nem é necessário que Deus seja o intérprete do corpo perante a alma, tampouco que Ele seja o intérprete das vontades da alma para o corpo, como bem queriam os Cartesianos: a Harmonia preestabelecida sendo, em ambos os casos, uma boa interlocutora. O que faz ver como aquilo que há de bom na hipótese de Epicuro e de Platão, dos maiores Materialistas e dos maiores Idealistas, se reúnem aqui. Nada é mais surpreendente nisto do que a sobre-eminente perfeição do soberano príncipe, manifesta, agora, em sua própria obra, muito além de tudo aquilo que acreditávamos até o presente. Por que se maravilhar, então, que tudo esteja indo bem e com justeza? Uma vez que todas as coisas conspiram e são conduzidas pela mão, desde que se suponha que esse todo seja perfeitamente bem concebido. Ao contrário, seria a maior de todas as maravilhas, ou, mais ainda, seria a mais estranha das absurdidades, se essa embarcação destinada a bem seguir o seu caminho, se

esta Máquina, cujo destino está traçado desde sempre, pudesse falhar, malgrado as medidas que Deus tomou: “Então, não é preciso comparar nossa hipótese, no que diz respeito a massa corporal, com uma embarcação, que vai, por si mesmo, ao porto determinado”, mas sim com esses navios de trajetos (*bateaux de trajet*), que cruzam os rios atados a uma corda. É como nos Realejos [561], e nos fogos de artifícios, em que não consideramos estranha a precisão, já que consideramos como tudo é conduzido. É verdade que transportamos a admiração da obra para o inventor, assim como quando observamos, hoje em dia, os movimentos dos planetas, que não têm necessidade nenhuma de serem conduzidos por alguma inteligência.

Até aqui praticamente falamos sobre as objeções que dizem respeito aos corpos ou à matéria, em que não há nenhuma outra dificuldade além daquela que trouxemos sobre o maravilhoso, mas belo, regrado e universal, e que deve ser encontrado nos corpos, a fim de que eles concordem entre si e também com as almas. O que, do meu ponto de vista, deve ser tomado mais por uma prova do que por uma objeção quando estamos diante de pessoas que julgam corretamente sobre *a potência e a inteligência da arte divina*, para falar com o Sr. Bayle, que admite também, *que não se pode imaginar nada que dê uma tão alta ideia da inteligência e da potência do Autor de todas as coisas*. Agora, precisamos ir em direção à Alma, em torno da qual o Sr. Bayle encontra ainda algumas dificuldades, mesmo depois dos esclarecimentos que dei para resolver as primeiras objeções. O Sr. Bayle começa por comparar esta alma, totalmente isolada e tomada a parte, sem receber nada de fora, com um Átomo de Epicuro, rodeado de vazio. De fato, eu considero as almas, ou melhor, as Mônadas como sendo Átomos de substância, uma vez que, no meu entender, não há Átomos de matéria na natureza, a menor parcela da matéria tendo ainda partes. Ora, o átomo, tal como Epicuro imaginou, tendo força movente que lhe dá uma certa direção, executará tal movimento uniformemente e sem impedimento, supondo que este átomo não encontre um outro no caminho. Dessa mesma maneira, parece que a alma, posta neste mesmo estado e tendo recebido, desde o início, o sentimento de prazer, que não pode ser alterado por nada que venha de fora, deve, segundo o Sr. Bayle, manter-se nesse mesmo sentimento para sempre. Pois quando a causa total permanece, o efeito deve sempre permanecer. Se objetamos que a alma deve ser considerada como em um estado de mudança, fazendo com que a causa total não permaneça, o Sr. Bayle responde que essa mudança deve ser semelhante a mudança de um átomo, o qual se move continuamente sobre a mesma linha (reta) e com uma velocidade constante. Quando concorda (diz ele) com a metamorfose

de pensamentos, é preciso ao menos que a passagem, que eu estabeleço entre um pensamento e outro, encerre alguma razão de afinidade. Permaneço de acordo com os fundamentos dessas objeções, eu mesmo, por minha vez, emprego estes fundamentos para [562] explicar meu sistema. O estado da alma, como do átomo, é um estado de mudança, uma tendência: o átomo tende a mudar de lugar, a alma a mudar de pensamento. Ambos mudam da maneira mais simples e mais uniforme que seu estado permite. Então, me perguntariam, de onde vem que há tanta simplicidade na mudança do átomo como tanta variedade nas mudanças da alma? É que o átomo (tal como o supomos, embora não haja nada parecido na natureza), ainda que tenha partes, não possui nada que cause a variedade em sua tendência, justamente porque supomos que essas partes não mudam suas relações, por outro lado, a alma, tão indivisível quanto ela possa ser, encerra uma tendência composta, isto é, uma multidão de pensamentos presentes, que se encontram nela todos de uma só vez, em virtude, justamente, da relação essencial da alma com todas as outras coisas do mundo, de modo que cada pensamento tende a uma mudança particular, de acordo com o que a alma envolve. Assim, podemos obter uma resposta, dentre outras, na falta de observação dessa relação, que bane os átomos de Epicuro da natureza. Pois cada coisa ou porção do Universo deve marcar todas as outras, de sorte que a alma, no que se refere à variedade de suas modificações, deve ser comparada com o universo, que ela representa segundo seu ponto de vista, e mesmo, de alguma maneira, com Deus, de quem ela representa finitamente a infinidade (em virtude de sua percepção confusa e imperfeita do infinito), mais do que com um Átomo material. O pensamento do prazer só parece simples, mas ele não o é, e quem fizesse sua Anatomia veria que ele envolve tudo aquilo que nos permeia (*environne*) e, por consequência, tudo aquilo que permeia o meio. E a razão da mudança dos pensamentos na alma é a mesma razão da mudança das coisas no universo, que a alma representa. Pois as razões da mecânica, que são desenvolvidas nos corpos, são reunidas e, por assim dizer, concentradas nas almas ou nas Enteléquias, encontrando-se nestas as fontes daquelas. É verdade que nem todas as Enteléquias são, como nossa alma, imagens de Deus, não sendo todas feitas para ser membros de uma sociedade, ou de um Estado, do qual Deus é o Chefe, mas elas são sempre imagens do Universo. São, a seus modos, mundos em miniaturas: simplicidades fecundas, unidades de substâncias, mas virtualmente infinitas pela multiplicidade de suas modificações, centros, que exprimem uma circunferência infinita. E é necessário que elas sejam assim,

como expliquei outrora nas *cartas trocadas com o Sr. Arnauld*². E a duração dessas unidades não deve embaraçar ninguém, não mais do que a duração dos átomos [563] dos Gassendistas³. De resto, como Sócrates fez notar, em Fédon de Platão, ao falar do homem que se coça: do prazer à dor, frequentemente, não há mais do que um passo, *extrema gaudii luctus occupat*⁴. Não é preciso estranhar essa passagem⁵, pois parece que, às vezes, o prazer é apenas um composto de pequenas percepções, em que cada uma delas seria uma dor se fosse grande o suficiente.

O Sr. Bayle já reconhece que eu respondo a uma boa parte das suas objeções: ele considera também que no sistema das causas ocasionais é preciso que Deus seja o executor de suas próprias leis, inversamente a nossa hipótese, em que a alma é tal executora, mas, não obstante, o Sr. Bayle objeta que a alma não tem instrumentos para uma execução semelhante. Eu respondo, como já respondi, que ela tem sim esses instrumentos: são os seus pensamentos presentes, a partir dos quais nascem os seguintes. Podemos dizer que na alma, como por toda parte aliás, o *presente está prenhe de porvir*. Acredito que o Sr. Bayle permanecerá de acordo, assim como todos os Filósofos com ele, de que nossos pensamentos não são nunca simples. No que diz respeito a alguns pensamentos, a alma tem o poder de passar, por ela mesma, de um a outro, como quando vai das premissas às conclusões, ou dos fins aos meios. O próprio R. P. Malebranche permanece de acordo ao constatar que a alma tem ações internas voluntárias. Ora, qual razão há para impedir que isso aconteça em todos os pensamentos da alma? Talvez porque acreditamos que os pensamentos confusos diferem *toto genere* dos distintos, quando eles somente são menos distinguidos e menos desenvolvidos por causa da sua multiplicidade. Isso fez com que atribuíssemos aos corpos certos movimentos, que com razão chamamos de involuntários, de tal modo que acreditamos não corresponder a nada na alma: e, reciprocamente, que certos pensamentos abstratos não são representados no corpo. Mas há erros de um lado e de outro, como acontece ordinariamente nesses tipos de distinções, em que só notamos aquilo que aparece mais destacado. Os pensamentos mais abstratos

² Cf. GERHARDT, C. F. (Org.). *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1879. V. 2, p. 11 *et seq.*

³ Discípulos de Pierre Gassendi (1592-1655), filósofo francês adepto do atomismo Epicuriano.

⁴ Provérbios 14: 13: “Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat.” Comumente traduzido assim: “Mesmo no riso o coração pode sofrer, e a alegria pode terminar em tristeza.”.

⁵ No manuscrito, verificamos a seguinte frase na borda: “nos corpos dos animais. Encontramos prazer em resistir a algum esforço, mas quando esse esforço se torna muito violento, passamos para a dor”. A seguir: parece - era grande. (N. do E.)

necessitam de alguma imaginação: e quando consideramos o que são os pensamentos confusos (que não deixam de acompanhar os mais distintos que podemos ter), como são aqueles pensamentos das cores, odores, sabores, do calor, do frio, etc., reconhecemos que eles sempre envolvem o infinito, não [564] só aquilo que se passa no nosso corpo, mas, ainda por seu meio, aquilo que acontece alhures, servindo muito mais ao nosso propósito do que essa legião de substâncias da qual fala o Sr. Bayle, como se elas fossem necessárias às funções que eu atribuo à alma. É verdade que ela tem essas legiões a seu serviço, mas não dentro dela mesma. Pois não há alma ou Enteléquia que não seja dominante em relação a uma infinidade de outras que entram em seus órgãos, e a Alma nunca está sem algum corpo orgânico conveniente ao seu estado presente. É, portanto, a partir dessas percepções presentes, com a tendência regradada ao movimento e sempre conveniente ao que está do lado de fora, que se forma esta tablatura de Música, que realiza sua lição. Mas (diz o Sr. Bayle) *não seria preciso que a alma conheça (distintamente) a sequência de notas, que pense nelas (assim) atualmente?* Eu respondo que não: para isso basta tê-las envolvidas em seus pensamentos confusos, da mesma maneira que a Alma tem mil coisas na memória, sem nelas pensar distintamente, de outro modo, se ela conhecesse distintamente todo este infinito que ela envolve, toda Enteléquia seria Deus. Pois só Deus exprime perfeitamente toda coisa de uma só vez, seja ela possível ou existente, passada, presente ou futura. Ele é a fonte universal de tudo, e as Mônadas criadas o imitam, tanto quanto é possível às criaturas: ele as fez fontes de seus próprios fenômenos, contendo relações com todas as coisas, mas exprimindo-os de maneira mais ou menos distintas, de acordo com os graus de perfeição de cada uma dessas substâncias. Onde está a impossibilidade disso? Parece que, mais do que isso, as coisas devem ser assim para aproximar as Criaturas de Deus, tanto quanto isso é possível de maneira racional. Contra isso, eu gostaria de ver algum argumento positivo, que levasse a alguma contradição, ou à oposição de alguma verdade provada. Dizer que tudo isso é surpreendente não constitui uma objeção. Ao contrário, todos aqueles que reconhecem substâncias imateriais e indivisíveis conferem a estas substâncias uma multiplicidade de percepções simultâneas, além de uma espontaneidade nos raciocínios e nos atos voluntários. De maneira que eu não faço nada mais do que estender a espontaneidade aos pensamentos confusos e involuntários, e mostrar que a natureza deles caracteriza-se por envolver relações com tudo aquilo que está do lado fora. Como provar que isso não pode ocorrer, ou que tudo aquilo que está em nós precisa, necessariamente, nos ser conhecido distintamente? Não é verdade que nós nem sempre nos lembramos das coisas, mesmo daquelas que nós

sabemos, e para as quais retornamos subitamente, por uma pequena ocasião de reminiscência? E quantas variedades podemos [565] ainda ter na alma, nas quais não nos é permitido entrar tão rapidamente? De outro modo, a alma seria um Deus, ao invés disso, basta que a alma seja um pequeno mundo, que encontramos tão imperturbável quanto o grande ao consideramos que há espontaneidade tanto no confuso como no distinto. Em outro sentido, tem-se razão de chamar, com os antigos, de *perturbação*, ou *paixão*, aquilo que consiste em pensamentos confusos, nos quais há algo de involuntário e de desconhecido. É isso que, em linguagem comum, não fazemos mal em designar como o combate do corpo com o espírito, uma vez que nossos pensamentos confusos representam o corpo ou a carne, perfazendo a nossa imperfeição.

Como eu já tinha dado esta resposta substancialmente, a saber, de que as percepções confusas envolvem tudo aquilo que está do lado de fora e encerram relações infinitas, o Sr. Bayle, após ter comunicado isso, não a recusa; ele diz, mais ainda, que *esta suposição, quando bem desenvolvida, é o verdadeiro meio para resolver todas as dificuldades*, ele ainda me faz a honra de dizer que espera que eu resolva solidamente as dificuldades que ele encontra. Sabendo que ele só disse isso por honestidade, não deixei de fazer esforços para saná-las, acreditando que não deixei passar nenhuma: e se deixei passar alguma coisa, sem tentar satisfazer a dificuldade, foi somente porque não pude ver em que consistia a dificuldade que queriam me opor, o que me dá, algumas vezes, maiores problemas em respondê-las todas. Eu gostaria de saber por que acreditamos que esta multiplicidade de percepções, que suponho na substância indivisível, não poderia ocorrer, pois acredito que mesmo quando a experiência e o sentimento comum não nos fariam reconhecer uma grande variedade em nossa alma, seria permitido ao menos supô-la. Dizer somente que não podemos conceber tal ou tal coisa não é uma prova de impossibilidade, seria preciso notar em quê ela choca a razão, quando, na verdade, a dificuldade está somente na imaginação, não havendo nenhuma no entendimento.

Tenho prazer em mostrar a um oponente tão justo e igualmente tão profundo quanto o Sr. Bayle, que faz tanta justiça, como ele frequentemente está atento às minhas respostas, como ele o fez observando que, na minha opinião, a constituição primitiva de cada espírito é diferente de todo outro, e que isso não deve parecer mais extraordinário do que aquilo que dizem os Tomistas, de acordo com o Mestre dessa corrente [Tomás de Aquino], acerca da diversidade específica de todas as inteligências separadas. Fico bem feliz de me reencontrar [566] com Bayle nisso, já que eu, em alguma parte, fiz apelo a esta mesma autoridade. É verdade que, segundo minha definição de *espécie*, não chamo

esta de diferença específica, pois como, segundo penso, dois indivíduos nunca são perfeitamente semelhantes, seria preciso dizer que os dois indivíduos não pertencem a uma mesma espécie, o que não seria uma maneira justa de falar. Sinto-me decepcionado por não ter ainda podido ver as objeções de Dom François Lami, contidas (de acordo com o que Sr. Bayle me disse) no seu segundo tratado do *Connaissance de soy même* (Editado em 1699), de outro modo já as teria respondido. O Sr. Bayle me poupou expressamente das objeções comuns a outros sistemas, e esse é um compromisso que eu tenho para com ele. Digo somente que, no que diz respeito a força dada às criaturas, acredito ter respondido, no mês de Setembro no *Journal de Leipzig 1698*⁶, a todas as objeções da Memória de um homem erudito, contidas no mesmo *Journal* em 1697, que o Sr. Bayle cita à margem, nota. S., e acredito mesmo ter demonstrado que sem a força ativa nos corpos não haveria variedade nos fenômenos, o que seria a mesma coisa que não haver nada. É verdade que esse sábio adversário replicou (Maio 1699), mas somente para explicar seus próprios sentimentos, sem tocar suficientemente nas minhas razões contrárias: o que fez com que ele não tenha se lembrado de responder a essa minha demonstração, tanto mais que ele considerava a matéria como inútil para persuadir e esclarecer ainda mais, sendo até mesmo capaz de alterar uma boa inteligência. Admito que esse é o destino ordinário das contestações, mas há exceções, como aquilo que se passou entre mim e o Sr. Bayle, que parece ser de uma outra natureza. De minha parte, eu procuro sempre tomar medidas próprias para conservar a moderação e para fazer crescer o esclarecimento da coisa, a fim de que a disputa não seja somente prejudicial, mas possa torna-se útil. Não sei se tive sucesso agora nesse último ponto, mas mesmo que eu não possa me vangloriar de dar uma inteira satisfação a um espírito tão penetrante quanto aquele do Sr. Bayle, ainda mais em um assunto tão difícil como aquele do qual tratamos, eu não deixaria de estar contente se ele achasse que fiz algum progresso numa pesquisa tão importante.

Não pude me impedir de renovar o prazer, que tinha outrora, ao ler, com uma atenção particular, vários artigos do [567] excelente e rico Dicionário do Sr. Bayle, assim como outros artigos seus que dizem respeito à Filosofia, como os artigos dos Paulicianos, Orígenes, Pereira, Rorarius, Espinoza, Zenão. Fui surpreendido novamente pela fecundidade, pela força e pelo brilhantismo desses pensamentos. Nenhum antigo Acadêmico, sem isentar Carnéades, teria sentido melhor as dificuldades. O Sr. Foucher,

⁶ Adicionado com apagamento: *De ipsa natura sive de vi insita actionibusque creaturarum*. (N. do E.). Trata-se do texto: *Sobre a natureza ela mesma, ou seja, sobre a força insita e as ações das criaturas*.

embora muito hábil nessa sorte de meditações, também não se aproximou disso, e eu não considero nada mais útil no mundo do que superar essas mesmas dificuldades. É isso que faz com que eu fique extremamente feliz diante das objeções de pessoas hábeis e moderadas, pois sinto que isso me dá novas forças, como na fábula de Anteu, quando este estava em contato com a terra. E isso me propicia falar com um pouco de confiança, talvez seja isso que faça com que, tendo me fixado somente após ter olhado de todos os lados e após ter atingido o equilíbrio, eu possa falar sem vaidade: *Omnia praecepi atque animo mecum peregi*⁷. Mas as objeções me recolocam no caminho e me poupam dificuldades: porque são poucos os que querem passar por todos os desvios, para encontrar e prevenir aquilo que outros podem encontrar de erro, uma vez que as prevenções e as inclinações são muito diferentes, que houve pessoas muito penetrantes que, de início, cederam à minha hipótese, mas tiveram dificuldades em recomendá-la a outros. Há, ainda, outros muito hábeis, que notaram que eu já havia sido bem sucedido; e mesmo alguns outros que disseram que eles entendiam a minha hipótese como a das causas ocasionais, não distinguindo esta da minha própria, com o que já me sinto satisfeito. Mas não fico menos satisfeito quando vejo que começam a analisar minha hipótese como se deve.

Para dizer algo sobre os artigos do Sr. Bayle, os quais acabei de citar e cujo assunto tem muita conexão com esta matéria, parece que a razão da permissão do mal vem das possibilidades eternas, e segundo elas, esse Universo, que admite o mal à sua maneira e que foi admitido à existência atual, é o mais perfeito no geral entre todas as maneiras possíveis. Mas nos perdemos quando queremos mostrar em detalhe, com os Estoicos, esta utilidade do mal que realça o bem, utilidade que Santo Agostinho reconheceu muito bem na maneira geral, que, por assim dizer, faz recuar para melhor saltar: afinal, podemos entrar nas particularidades infinitas da Harmonia universal? Contudo, se fosse preciso escolher entre dois, seguindo a razão, eu penderia antes para o lado do Origenista e nunca para o lado do Maniqueísta. Também não me parece necessário eliminar a ação ou a força das criaturas sob pretexto de que elas criariam se elas produzissem [568] modalidades. Pois é Deus que conserva e cria continuamente as forças das criaturas, isto é, é Ele quem produz uma fonte de modificações, fonte que está na criatura, ou ainda, um estado, por meio do qual podemos julgar que haverá mudança de modificações; porque, sem isso, acredito que Deus (como já disse acima ter demonstrado em outro lugar) não produziria

⁷ Virgílio, Livro VI, 103-105: “Non ulla laborum, o uirgo, noua mi facies inopinaue surgit: omnia praecepi atque animo mecum ante peregi”. “Não se alevanta provação alguma, ó virgem, que se me afigure nova ou inesperada: previ todas estas coisas e, no meu espírito, as vi realizadas de antemão.”.

nada, nem que haveria outra substância além de si mesmo, o que nos faria retornar ao Deus de Espinoza. Inclusive, parece que o erro deste Autor vem do fato de que ele levou adiante as consequências da doutrina que elimina a força e a ação das criaturas.

Reconheço que o tempo, a extensão, o movimento e o contínuo em geral, da maneira que os tomamos nas Matemáticas, são coisas meramente ideais, isto é, que exprimem as possibilidades, assim como os números. O próprio Hobbes definiu o espaço por *phantasma existentis*. Para falar de maneira mais justa, a Extensão é a ordem das coexistências possíveis, assim como o Tempo é a ordem das possibilidades inconsistentes, mas que têm, no entanto, conexão. Assim, um diz respeito às coisas simultâneas ou que existem conjuntamente, outro diz respeito àquelas que são incompatíveis e que concebemos, no entanto, como existentes, o que faz com que elas sejam sucessivas. Mas o Espaço e o Tempo, tomados conjuntamente, constituem a ordem das possibilidades de todo um Universo, de modo que essas ordens (isto é, o Espaço e o Tempo) enquadram não somente aquilo que existe atualmente, mas, ainda, aquilo que poderia ser colocado neste lugar, como os números são indiferentes a tudo aquilo que poderia ser *res numerata*. E este envolvimento do possível com o Existente faz uma continuidade uniforme e indiferente a toda divisão. Embora, na natureza, não se encontre nunca mudanças perfeitamente uniformes (tais como exige a ideia que as Matemáticas se fazem do movimento), nem mesmo, no rigor das coisas, figuras atuais de mesma natureza que aquelas que a Geometria nos ensina, isso porque o mundo atual não se manteve na indiferença das possibilidades, apresentando divisões e multidões efetivas, das quais resultam os fenômenos que se apresentam a nós e que são variados nas menores partes: no entanto, os fenômenos atuais da natureza são administrados e devem assim o ser, de tal modo que nunca encontram-se violadas a lei de continuidade (que introduzi e fiz primeira menção no [Periódico] *Nouvelles de la Republique des Lettres* do Sr. Bayle) e todas as outras regras mais precisas das Matemáticas. Bem [569] longe disso, as coisas só poderiam ser inteligíveis por essas regras, únicas capazes, com aquelas da Harmonia, ou da perfeição, e que a verdadeira Metafísica fornece, de nos fazer entrar nas razões e nas vias do Autor das coisas. A grandiosa multidão de composições infinitas faz, na verdade, com que, enfim, todos nós nos percamos e nos vejamos obrigados a nos deter tanto na aplicação das regras da Metafísica, quanto nas aplicações das Matemáticas à Física. Entretanto, essas aplicações nunca enganam, e se há algum mal-entendido após um raciocínio preciso, é porque não podemos destrinchar o fato e porque há imperfeição na suposição. Somos tão capazes de ir mais longe nesta aplicação, quanto somos capazes

de administrar a consideração do infinito, como nossos últimos métodos fazem ver. Assim, embora as meditações Matemáticas sejam ideais, isso em nada diminui sua utilidade, já que as coisas atuais não poderiam dispensar as regras desta disciplina. Em efeito, é propriamente nisso que consiste a realidade dos fenômenos e aquilo que os distingue dos sonhos. Contudo, as Matemáticas não necessitam, em absoluto, das discussões metafísicas, nem devem se embarçar na questão da existência real dos pontos, dos indivisíveis, dos infinitamente pequenos e dos infinitos verdadeiros. Eu já o fiz notar em minha resposta no [Periódico] *Mémoires de Trevoux*, Maio e Junho de 1701, que o Sr. Bayle citou no artigo sobre Zenão: eu fiz considerar, no mesmo ano, que basta aos Matemáticos, para o rigor das suas demonstrações, tomar ao invés das grandezas infinitamente pequenas, aquelas tão pequenas quanto necessário, para, assim, mostrar que o erro de um cálculo será menor que aquele que um adversário poderia assinalar, como consequência, que aí não poderíamos assinalar nenhum erro, de modo que quando os infinitamente pequenos exatos, aqueles que terminam a diminuição das assinalações, não forem nada mais do que raízes imaginárias, isso não prejudicaria o cálculo infinitesimal, ou das diferenças e de somas, que eu propus e que excelentes Matemáticos cultivaram tão utilmente. Diante desse cálculo, só poderíamos nos enganar por falta de entendê-lo, ou por falta de aplicação, pois ele carrega sua demonstração consigo. Da mesma maneira, no mesmo lugar do *Journal de Trevoux*, reconhecemos aquilo que havíamos dito anteriormente e que não ia contra minha explicação. É verdade que aquilo que se afirma aqui vai contra aquilo que pretende o Sr. Marquês de L'Hôpital, mas acredito que ele não queira, assim como eu não quero, carregar a Geometria de questões metafísicas.

[570] Eu quase ri dos ares a que se submeteu o Sr. Chevalier de Méré [Antoine Gombaud] em sua Carta ao Sr. Pascal, ao qual o Sr. Bayle faz referência no seu artigo. Vejo, no entanto, que o Chevalier sabia que esse grande Gênio tinha seus desequilíbrios, e que isso o tornava, algumas vezes, suscetível demais às impressões de espiritualistas indignados, os quais, por vezes, o desencorajavam na obtenção de conhecimentos sólidos: foi o que vimos acontecer desde então, mas sem retorno, aos Senhores Stenonis e Swammerdam, por erro de não terem unido a verdadeira Metafísica com a Física e com as Matemáticas. O Sr. de Méré aproveitou-se disso para falar de cima para baixo com o Sr. Pascal. Inclusive, parece que ele debocha um pouco, como fazem as pessoas mundanas, que são muito espirituosas e têm um saber medíocre. Elas gostariam de nos persuadir de que aquilo que elas não entendem bem o suficiente é de pouca importância, elas deveriam ter sido enviadas para a escola do Sr. Roberval. Contudo, é verdade que o

Chevalier tinha algum gênio extraordinário, mesmo para as Matemáticas; tomei conhecimento com o Sr. [Gilles Filleau] Des Billettes, excelente em Mecânicas e amigo do Sr. Pascal, o que é esta descoberta da qual esse Chevalier se vangloria na carta supracitada. É que, sendo grande jogador, ele ofereceu as primeiras possibilidades de estimar as apostas, o que deu origem aos belos pensamentos sobre *Alea* [jogos de azar], dos Senhores Fermat, Pascal e Huygens, sobre os quais o Sr. Roberval não podia ou não queria compreender nada. O Sr. Johan de Wit, Grande-Pensionário, levou tudo isso mais adiante, tendo aplicado esse problema a outros usos mais consideráveis em relação aos rendimentos da vida: e o Sr. Huygens me disse que o Sr. Johann van Waveren Hudde realizou ainda excelentes meditações a esse respeito, e é uma pena que ele as tenha suprimido assim como fez com tantas outras. Assim, os próprios jogos mereceriam ser examinados: se algum Matemático penetrante meditasse sobre isso, ele certamente aí encontraria muitas considerações importantes, pois é jogando que os homens mostram melhor sua espiritualidade. Quero acrescentar, a propósito, que não somente Cavalieri e Torricelli, dos quais fala Gassendi na passagem citada aqui pelo Sr. Bayle, mas, ainda, eu mesmo e muitos outros consideraram figuras de um comprimento infinito que são iguais a espaços finitos. Não há nada de extraordinário nisso, assim como não há nas Séries infinitas, em que nós fazemos ver que $\frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{16} + \frac{1}{32}$ etc. é igual à unidade. No entanto, pode ser que esse Chevalier tivesse ainda algum bom entusiasmo, e que isso o tenha transportado para esse *Mundo invisível* e para *essa extensão infinita*, da qual ele fala e que considero ser aquela das ideias ou das formas, da qual falaram também alguns Escolásticos ao colocar em questão *utrum detur vacuum formarum* [se existe vácuo nas formas]. Pois o autor diz, [571] “podemos aí descobrir as razões e os princípios das coisas, as verdades mais ocultas, as conveniências, as justezas, as proporções, as verdades originais e as ideias perfeitas de tudo aquilo que procuramos.”. Esse Mundo intelectual, de que os Antigos já falaram, tanto está em Deus quanto, de alguma maneira, em nós também. Mas aquilo que a Carta diz contra a divisão ao infinito manifesta bem que aquele que a escreveu era, ainda, estrangeiro nesse mundo superior, e que as certificações do mundo visível, a partir de onde ele escreveu, não lhe proporcionaram ainda o tempo necessário para adquirir um direito de cidadania (*droit de bourgeoisie*) no outro mundo. O Sr. Bayle tem razão ao dizer, com os Antigos, que Deus exerce a Geometria e que as Matemáticas perfazem uma parte do mundo intelectual, sendo mesmo a melhor ferramenta para penetrar nesse mundo. Mas, acredito, o interior dele é algo mais do que

essa disciplina. Eu insinuei, em outro lugar, que há um cálculo mais importante do que aquele da Aritmética e da Geometria, e que ele depende da Análise das ideias. Este cálculo seria uma Característica universal, cuja formação me parece ser uma das coisas mais importantes que poderíamos empreender.